

CULPA E INOCÊNCIA

Uma abordagem da Teoria de Bert Hellinger

Por Agenor De Lorenzi Cancelier

Há uma crise financeira instalada pelos quatro cantos do mundo. Uma crise séria, uma crise grave, globalizada. O aspecto mais perverso desta crise financeira global é que ela já está contaminando a economia real, seja pelo lado da produção ou das relações de troca.

De uma forma ou de outra todos seremos atingidos pelos efeitos desta crise sistêmica que se originou dos derivativos financeiros emitidos pelos bancos americanos, lastreados nas hipotecas imobiliárias de duvidosa liquidez, a denominada derrocada do sub-prime.

Em um encontro com empresários fabricantes de máquinas agrícolas em Ribeirão Preto, na semana passada, (eram mais de duzentos empresários e executivos), chamou-me a atenção o grau de inquietação com uma crise que ainda nem bem se instalou aqui e não ocasionou ainda grandes estragos para a maioria das suas empresas. Isso foi o que deparei com as respostas que obtive às minhas indagações aos empresários sobre a extensão dos transtornos ocasionados pela crise nas respectivas empresas.

Bert Hellinger e os Sistemas

Para entendermos as inquietações, os medos, o sofrimento que uma situação desta nos impõe, podemos buscar as explicações na teoria do filósofo e terapeuta alemão Bert Hellinger, o mais instigante e provocador pensador da atualidade, criador da teoria sistêmica fenomenológica e das constelações familiares como forma de solução para problemas sistêmicos de pessoas, famílias e organizações.

Famílias e empresas são sistemas, ou seja "grupos de pessoas unidas ou vinculadas em função de interesses comuns, ou de forças que os permeiam, independentemente da consciência que tenham a respeito".

Dentro dos sistemas Bert Hellinger descobriu o que ele chamou de "As Ordens do Amor" ou a "A Simetria Oculta do Amor". A primeira dessas "Ordens do Amor" é a do Pertencimento. Dentro de um sistema todos os seus integrantes tem um lugar e uma igual valia e ninguém pode ser excluído. Se alguém for excluído as pessoas se sentem culpadas e o sistema todo fica perturbado e perde forças. A culpa é sentida como exclusão e alienação quando nossa pertinência é ameaçada. Quando nada ameaça nossa pertinência, sentimos a inocência como inclusão e proximidade. Para além de nossa consciência individual age uma consciência (uma alma, "anima", do latim, que quer dizer, aquela que anima) sistêmica, que controla essas leis e, quando elas são desrespeitadas, algum membro posterior da família ou da empresa (do sistema) expiará esta transgressão, na fase seguinte.

As Dinâmicas da Exclusão

Quando os sentimentos e ações da consciência pessoal estão em desacordo com os pressupostos da consciência sistêmica ocorrem o que Bert Hellinger denominou de emaranhamentos. As principais dinâmicas nos emaranhamentos são: *antes eu do que você, eu sigo você*, e, finalmente, *se você não pode, eu também não me dou o direito*.

Numa época de crise, como a que se desenha agora, os sistemas se sentem perturbados e com isso perdem força, exatamente porque as pessoas se sentem ameaçadas de serem excluídas. Excluídas da empresa, se empregados, pela perda do emprego e excluídas de suas famílias por sentirem internamente que não estão atendendo às expectativas e necessidades de sua família. Mas também o medo de exclusão captura os sentimentos dos empresários. Medo de não corresponderem aos anseios dos pais e fundadores, de deixarem o empreendimento ir à bancarrota, de serem abandonados e desprezados por seus familiares, por seus funcionários e mesmo pelos demais empresários.

As pessoas vivem a culpa e o medo da exclusão. Com isso todo o sistema, seja familiar ou organizacional fica perturbado. Todos perdem força. Isso na verdade independe da crise realmente vir a atingir a empresa. Essa inquietação coletiva já permeia a empresa à simples ameaça de exclusão. Como afirmamos acima, todos pertencem ao sistema e têm seu lugar adequado. Se há ameaças a esse pertencimento perdemos a inocência e vivemos a culpa.

O fenômeno mais estranho observado por Bert Hellinger foi o efeito da despedida de colaboradores sobre os colaboradores que permanecem na empresa. Este fato inevitavelmente se verificará se a crise se tornar mais aguda e se espalhar. Muitos perderão o emprego. Sobre estes pretenderei discorrer em outro artigo.

Os que permanecem na empresa, os mais felizardos, diríamos nós, os que foram poupados, começam a ter um estranho comportamento: interiormente se sentem culpados por terem sobrevivido incólumes à crise. Por uma lealdade interior aos que foram, aqueles que ficam não se dão ao direito de continuar, de usufruir das vantagens de continuar empregados.

Inconscientemente afirmam aos que se foram: *"se vocês não puderam continuar, então eu também não me dou o direito de usufruir do meu emprego."*

Aí começam os emaranhamentos e com eles as doenças, os acidentes, dentro e fora da empresa, o absenteísmo, a depressão grave, os episódios de alcoolismo tão freqüentes em nossas empresas.

Bert Hellinger, ao colocar constelações familiares em diversas partes do mundo, notou este fenômeno primeiramente entre os judeus que escaparam do holocausto por habitarem em países distantes como Austrália, Argentina, Estados Unidos, etc. e não terem participado diretamente da Segunda Grande Guerra.

Quando a Guerra acabou, muitas destas pessoas perderam a vontade de viver, muitos entraram em depressão, outros adoeceram gravemente ou mesmo se suicidaram. Internamente não conseguiram suportar a idéia de que estavam sendo beneficiados, quando muitos milhões de sua raça foram exterminados em campos de concentração.

As Dinâmicas da Solução ou da Cura.

Assim sucede nas famílias e também nas empresas. Interiormente, na alma, não admitimos sermos beneficiados à custa da desgraça de outros. Se algum membro da família adoece ou morre em condições trágicas, os remanescentes procurarão expiar esta exclusão. Isto acontece através de uma doença, de um acidente, de um insucesso ou de um infortúnio. No fundo, as pessoas compensam esta vantagem sobre os que foram excluídos por amor. Obviamente um amor cego, infantil, que Hellinger denominou de Amor Mágico. E esse amor adoece. As constelações familiares são uma forma muito libertadora de terapia para pessoas e famílias entenderem estas dinâmicas e redirecionarem seu amor para um amor adulto, um amor que cura e que está a serviço da vida.

Na família, é verdade, não podemos excluir ninguém. É nossa comunidade de destino.

Esta é uma lei muito estrita, que não pode ser ignorada, sob pena de graves consequências para todo o sistema.

Na empresa, porém, quando as encomendas diminuem ou quando a empresa fecha um departamento ou ainda quando é incorporada, devemos sim despedir os trabalhadores excedentes. Claro que esta despedida deve ser respeitosa, feita com critérios objetivos, pagando integralmente as indenizações e explicando detalhadamente os motivos e os critérios da demissão. Neste caso os desligados, embora possam inicialmente sentir um baque, depois aceitam sua condição e criam forças para enfrentar novos desafios.

Geralmente os maiores problemas, e isso poucas vezes percebemos, afetam os remanescentes, aqueles que não foram demitidos. Embora inconscientemente, eles se "recusam" a aceitar sua permanência quando outros foram forçados a sair, seja por motivos justos ou injustos.

O mesmo fenômeno pode afetar os empresários que, por vezes, perdem suas forças e seu entusiasmo em continuar seus empreendimentos em função desta culpa inconsciente.

E a solução para isso? Bert Hellinger formulou uma terapia rápida (por volta de uma hora) para conscientizar estas pessoas emaranhadas em seus problemas sistêmicos. Trata-se da Constelação Familiar, através da qual o cliente percebe para onde seu amor está sendo direcionado (no caso para os colegas demitidos). Quando o cliente nota que este amor é cego, mágico e infantil, que não ajuda nem

os colegas demitidos, nem a ele próprio, pois não é um amor que cura mas um amor que adoce, então ele pode reorientar seu amor e sua compaixão de uma forma adulta, para um amor que cura, um amor a serviço da vida.

Com isso o cliente pode fazer uma sincera reverência aos que partiram, uma reverência com humildade e amor. Esta reverência, de acordo com Bert Hellinger, é um movimento de respeito e homenagem, que nos liga com as pessoas. Nos une no mesmo nível humano.

Depois também podemos dizer "*Sim! Eu aceito como presente esta situação que me beneficiou*". E, com este gesto humilde e amoroso o sistema, seja a família ou a empresa, pode se reequilibrar e recobrar suas forças para prosseguir.

É esta a forma de unir o que estava separado e restabelecer as Ordens do Amor nas Famílias e nas Empresas.

Agenor De Lorenzi Cancelier, 59 anos, natural de Santa Catarina.

É graduado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas.

Trabalha há três décadas como Consultor de Empresas e é Certificado em Terapia Sistêmica Fenomenológica, tendo estudado com Renato Shaan Bertate, Mimansa Ericka Farny e com o próprio Bert Hellinger